



**INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

O ENSINO DA PAISAGEM NUMA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

GABRIELE DANIELE DOMINGOS ROSA

**Cacoal-RO
Dezembro/2021**

GABRIELE DANIELE DOMINGOS ROSA

O ENSINO DA PAISAGEM NUMA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Rondônia, como requisito parcial para a Obtenção do grau em Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Sirley Leite Freitas

**Cacoal-RO
Dezembro/2021**



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA

Cacoal - Código INEP: 11109815
Rodovia BR 364, Lote 2A, CEP 76960-970, Cacoal (RO)
CNPJ: 10.817.343/0008-73 - Telefone: (69) 2182-9641

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data 07/12/2021 realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulada **O ENSINO DA PAISAGEM NUMA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA** apresentada pela aluna **Gabriele Daniele Domingos Rosa (2018106083015-0)** do Curso **Licenciatura em Geografia (Cacoal)**. Os trabalhos foram iniciados às **17:00** pelo Professor **Sirley Leite Freitas** presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Sirley Leite Freitas** (Orientadora)
- **Graziela Tosini Tejas** (Examinadora Interna)
- **Gabriel Tenorio dos Santos** (Examinador Interno)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo do Trabalho de Conclusão de Curso, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

[X] APROVADO

Nota: 70

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu Sirley Leite Freitas lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

CACOAL / RO, 07/12/2021

Documento assinado eletronicamente por **Gabriele Daniele Domingos Rosa**, Discente, em 20/11/2022, às 14:38, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Sirley Leite Freitas**, Orientador, em 02/02/2022, às 16:13, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Graziela Tosini Tejas**, Examinador Interno, em 22/01/2022, às 14:18, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Tenorio dos Santos**, Examinador Interno, em 13/12/2021, às 11:43, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Agradecimentos a Deus por permitir e fortalecer neste processo, todos que me auxiliaram a concluir este curso, e a minha mãe Maria.

O ENSINO DA PAISAGEM NUMA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Gabriele Daniele Domingos Rosa¹

Sirley Leite Feitas²

Resumo

O objetivo do estudo foi verificar como promover o ensino da paisagem na perspectiva da educação inclusiva apontando propostas de ensino que possam ser usadas em sala de aula no ensino fundamental. A pesquisa foi elaborada com base em revisão bibliográfica da literatura com uma abordagem qualitativa. A construção foi dividida nas seguintes etapas: busca e seleção de estudos com base no tema, palavras-chave e objetivo; a triagem de acordo com os critérios de inclusão e exclusão; elaboração de propostas de ensino baseadas na literatura presente para auxiliar os demais profissionais. Com base na análise realizada foi possível observar que elaborar uma metodologia de ensino voltado para a realidade do aluno, promove maior aprendizado por parte dos mesmos, maior inclusão, sociabilização e trabalho em equipe, sendo importante para o docente implementar essas propostas em sala de aula possibilitando ao aluno construir sua própria compreensão de mundo. Concluindo que a paisagem geográfica para ser compreendida pelo estudante não deve ser abordada de forma teórica e abstrata, ao contrário, o ensino deve ser pautado na vivência do aluno, com base nos elementos do espaço que os mesmos sentem e conseguem captar, perceber e interpretar.

Palavras-chave: Geografia e Paisagem; Ensino de geografia inclusiva; Inclusão na sala de aula.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Ramos e Martins (2017) a educação inclusiva possibilita aos alunos abrir novos horizontes voltados para o desenvolvimento da aprendizagem, tanto para os alunos que necessitam de maior atenção como os demais, segundo os autores para que isso ocorra deve haver uma mudança na perspectiva da organização escolar, como o planejamento de atividades pedagógicas que possam ser ensinadas para estudantes que tem uma limitação como para os que possuem alguma limitação seja ela física, psicológica ou cognitiva.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Rondônia.

² Orientadora e professora do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Rondônia.

A geografia possui como princípio analisar a realidade social, acontecimentos culturais e transformações que ocorrem no mundo, sendo o campo da geografia humana que estuda a cultura, suas modificações o espaço e suas grandes alterações (TURRA NETO, 2013). No ambiente escolar, a geografia passa a ser uma disciplina que busca auxiliar o discente a compreender seu papel perante a sociedade como indivíduo atuante, no qual age e modifica constantemente o ambiente que convive, assim, para a geografia a paisagem é o resultado das relações do homem com o meio (MARTINS *et al.*, 2014), sendo importante que a mesma seja aplicada com o objetivo de ensinar igualmente todos os alunos.

Segundo Sampaio, Sampaio e Almeida (2020), numa abordagem relacional, a Geografia tem o espaço como objeto central de estudo e as categorias (território, região, paisagem e lugar) como seus desdobramentos oferecem uma estrutura conceitual para o raciocínio geográfico possibilitando o entendimento da realidade material de sua representação. Desta forma, traz a análise sistêmica da sua verdadeira realidade vivenciada. Por se tratar de uma disciplina de empenho e estudo sócio espacial, a geografia trabalha com formação de indivíduos trazendo entendimento e análise da paisagem (SALVADOR, 2012).

Conforme explica Custódio e Nogueira (2014) a geografia é uma ciência que possui como foco estudar a superfície terrestre, seus aspectos físicos, a distribuição do espaço e dos fenômenos que ocorrem e modificam a paisagem, a mesma também tem como finalidade estudar a relação do homem com o meio ambiente “homem-natureza”.

Neste contexto, o ensino da geografia no ambiente escolar assume um papel fundamental, pois, se torna uma ferramenta para se ler o mundo, agregando ao discente a capacidade de compreender como conviver em sociedade o que lhe possibilita construir sua identidade. Entretanto, no contexto social, auxiliar o aluno para que este consiga compreender o mundo a sua volta torna-se necessário que o ensino de geografia tenha como objetivo ensinar baseando-se na realidade sociocultural do discente (FONSECA; TORRES, 2013a; SOUSA; SANTOS, MAGALHÃES, 2017).

Tendo em vista esse objetivo torna-se indispensável que os docentes visem o aprimoramento de novas metodologias pedagógicas trabalhando e modificando o meio em que o discente se localiza, trazendo além da visão básica, a ampliação de sua visão de mundo e de espaço.

A Geografia como disciplina escolar assume a importância de ser instrumento para leitura do mundo, de modo que a vivência em sociedade e a compreensão do espaço possam ajudar na construção de uma identidade cidadã. Diante da complexidade do mundo atual, é preciso que, cada vez mais, o ensino de Geografia fique mais próximo da realidade dos alunos, para tanto, o uso de práticas pedagógicas adequadas a essa nova realidade se faz necessário (CAVALCANTE; SUICA; ALMEIDA, 2018, p. 4).

Segundo Ramos e Martins (2017) a educação inclusiva ainda exige uma grande mudança, pois, ainda falta uma maior valorização da diversidade humana, segundo os autores as propostas de inclusão surgem das barreiras existentes no ambiente escolar, no qual devem ser implantadas até que o ensino se torne igualitário para todos os alunos.

Vale ressaltar que ao se propor o ensino da paisagem com foco em uma educação inclusiva, ou seja, para todos, não se está direcionando a disciplina apenas aos discentes que possuem alguma deficiência, mas a todos os discentes que possuem uma realidade marcada por classe social, raça, etnia, sexo ou gênero diferente, pois, a proposta de inclusão visa incluir a todos independentemente das suas diferenças e limitações (ROQUEJANI, 2018).

Diante da problemática até aqui exposta, este estudo tem como tema o ensino da paisagem numa perspectiva inclusiva, tendo como delimitação fazer uma análise do ensino da geografia e da paisagem na perspectiva da educação inclusiva e a partir dessa análise apontar propostas de ensino da paisagem na perspectiva de inclusão que podem ser usadas em sala de aula. Nosso objetivo central foi verificar como promover o ensino da paisagem na perspectiva da educação inclusiva e assim apontar propostas de ensino que possam ser usadas em sala de aula.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi elaborado com base em revisão bibliográfica da literatura, tendo uma abordagem qualitativa. Para a delimitação do mesmo foi utilizado as seguintes palavras-chave “Geografia e Paisagem; Ensino de geografia inclusiva; Inclusão na sala de aula”, na qual iremos apresentar Propostas para o ensino da paisagem geográfica com foco na inclusão. As bases de dados utilizadas foram: Dialnet, Google acadêmico, Repositório da Capes, Biblioteca, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, e Revista Brasileira de Educação em Geografia.

Totalizando 29 estudos para compor a fundamentação, o mesmo foi elaborado entre março a dezembro de 2021.

A construção do estudo foi dividida nas seguintes etapas: busca e seleção de estudos com base no tema, palavras-chave e objetivo; a triagem, de acordo com critérios de inclusão e exclusão levando em consideração estudos e ensinamentos que pudesse contribuir com a pesquisa; elaboração de propostas de ensino baseadas na literatura estudada a fim de auxiliar os docentes no ensino da paisagem na perspectiva da educação inclusiva.

3 O ENSINO DA PAISAGEM NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

3.1 Educação inclusiva

De acordo com a Declaração Mundial sobre a Educação para Todos, aprovada pela Conferência Mundial sobre Educação para todos, em Jomtien na Tailândia entre 5 a 9 de março de 1990, “todos tem direito a educação”, segundo a declaração nas décadas anteriores muitos problemas no âmbito da educação, como aumento da população, diferenças econômicas, guerras, lutas civis, violência, dívidas nacionais, etc., dificultaram os avanços da educação básica em muitos países, já em outros houve maior crescimento econômico, no qual permitiu maiores investimentos na educação, contudo, esse crescimento foi desigual o que privou milhares de crianças menos favorecidas ao acesso à escola regular (UNICEF, 2021).

Ao longo da década de 80, os cortes com os gastos públicos apenas contribuirão para a deterioração da educação básica, contudo, com as novas reformas que surgiram, no âmbito das pesquisas tecnológicas levaram muitos países a crescerem novamente, o que promoveu maior investimento na área da educação e em outros setores, a partir disso foi elaborada a Declaração Mundial sobre a Educação para todos, cujo objetivo foi satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, universalizar o acesso à educação, promover a equidade, concentrar a atenção na aprendizagem, aplicar os meios e o raio de ação da educação básica, propiciar um ambiente adequado à aprendizagem, etc. (UNICEF, 2021).

Após a Conferência Mundial sobre Educação para todos, na Tailândia em 1990, no Brasil foram elaboradas diversas Leis de Decretos voltados para fomentar a melhora na educação básica, sendo algumas delas: a elaboração do plano Decenal

de Educação para Todos (Portaria nº489, de 18 de março de 1993), cujo objetivo foi assegurar a todos o direito a educação; a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que estabelece “normas para todo o sistema educacional, da educação infantil à educação superior, além de disciplinar a Educação Escolar Indígena”; a elaboração e aprovação do Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001); a instituição da Lei de Cotas (Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012) que reserva de 50% das vagas nos cursos de graduação para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, sendo priorizados os alunos de menor renda e os autodeclarados pretos, pardos e indígenas, bem como pessoas com deficiência (BRASIL, 2021).

A Política Nacional de Inclusão (PNI) é amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei Nº 9394/96, que no Art. 58 define educação especial, como “modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 2017).

A LDB ainda estipula em seu Art. 59 que os sistemas de ensino devem assegurar aos educandos com deficiência, recursos didáticos, técnicas, e métodos que atendam suas necessidades, ter em seu corpo docente, professores com nível superior e especialização adequada para atender as necessidades dos alunos garantindo aos mesmos: acesso igual aos benefícios ofertados pelos programas sociais (BRASIL, 2017).

Cabe ressaltar que o conceito de ensino inclusivo não está restrito apenas as pessoas com deficiência, que são pessoas que de alguma forma tem impedimento a longo prazo de natureza física ou mental. A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Pessoas com Deficiência, defini como correto o termo Pessoa com deficiência para “denominar os que possuem qualquer tipo de deficiência, no qual sofrem ato de discriminação, preconceitos ou barreiras denominativas” (AVANCE, 2021, on-line).

Este sistema engloba todos os discentes que são excluídos por todo e qualquer sistema e pelo preconceito de gênero e raça, no qual negam aos que possuem alguma diferença seja ela física, cognitiva ou social o direito e a garantia de um ensino formal (ROQUEJANI, 2018; CAMACHO; VIEIRA, 2018).

Garantindo um direito a todos conforme a lei de inclusão escolar, que envolve a consciência de todos, no qual a geografia leva a oportunidade de aprender e compreender o mundo em que vivemos, e conecta toda esta realidade vivenciada dentro da educação inclusiva.

Neste sentido, a educação inclusiva deve proporcionar a interação social e o acolhimento de todos os alunos no sistema de ensino, garantindo-lhes o direito ao atendimento adequado, acesso público e gratuito, padrões mínimos de qualidade de ensino e o atendimento especializado para quem necessitar, seja com ou sem deficiência, para que possam adquirir autonomia e respeito perante a sociedade (CUSTÓDIO; RÉGIS, 2016).

O aluno tem por direito a sua interação e seu acolhimento na sala e na sociedade, na qual o indivíduo se sinta confortável, garantido qualidade de ensino e gratuidade para aqueles que necessitam de todo um cuidado especial.

De forma ampla, o ensino inclusivo tem como objetivo garantir aos discentes que sofrem segregação uma educação de qualidade dentro da instituição de ensino, promovendo inclusão social e favorecendo a diversidade sociocultural, ou seja, o ensino inclusivo visa a distribuição de conhecimento de forma igualitária a todos os alunos, sem que haja nenhuma distinção, devido suas diferenças (NUNES; MADUREIRA, 2015).

A inclusão social no ambiente escolar busca uma valorização da vida humana, promovendo uma aprendizagem mais significativa aos estudantes que possuem alguma dificuldade no decorrer do seu processo de ensino e aprendizagem trazendo desta forma esperança para inclusão de todos independente do espaço que o discente está inserido (CAMARGO, 2017).

Nessa perspectiva compreende-se que para uma escola se tornar inclusiva essa necessita de planejamento de práticas pedagógicas inovadoras que visem incluir tanto os estudantes que precisam de maior atenção, como a turma em si, a escola também precisa superar as barreiras pré-existentes como as de natureza física, didática e metodológica, com foco na garantia de permanência dos alunos no ambiente escolar (RAMOS; MARTINS, 2017).

3.2 O ensino da paisagem pautada na inclusão escolar

O termo “paisagem” pode remeter a diversas interpretações, tanto no campo da geografia como em outros campos de conhecimento, de forma geral a paisagem pode se associar a três significados como, um arranjo fisionômico, humano e biofísico de um determinado espaço, já no âmbito da ciência geográfica o termo paisagem adquiriu um caráter polissêmico por volta do século XIX quando começou a ser largamente utilizado, em geral, como um conjunto de formas que caracterizavam uma determinada superfície terrestre (BARBOSA; GONÇALVES, 2014).

As primeiras ideias de paisagem como ciência são atribuídas a Humboldt, em suas pesquisas sobre as plantas e a relação com os demais elementos da natureza, como o clima, relevo, foram extremamente relevantes para a geografia física, cujo objetivo principal era entender a unidade dos processos naturais, a sua evolução como ciência proporcionou novas discussões sobre as soluções conceituais de problemas globais que ocorrem na superfície terrestre (SILVEIRA; VITTE, 2010).

A escola alemã pode ser definida como ponto de partida dos estudos relacionados a paisagem dentro da geografia, sendo que a partir dessa escola que temos hoje em dia a sistematização ciência geográfica a partir de pensadores como Alexander Von Humboldt e Karl Ritter, ambos do século XIX, sendo considerados os precursores da abordagem geográfica como ciência (BARBOSA; GONÇALVES, 2014).

Humboldt estruturou suas ideias a partir de suas viagens ao redor do mundo no qual elaborou obras como, Quadros da Natureza e Cosmos, essas obras tornaram a percepção de geografia como ciência, abarcando as demais concepções e elementos, buscando cada vez mais conexões que pudessem explicar a relação do homem com a natureza. Sendo que a partir da sua abordagem naturalista que a paisagem passou a ser compreendida pela geografia como um meio de analisar as relações entre homem-natureza-espaço geográfico, sendo que a partir de suas ideias empiristas que a paisagem passou a ser vista de uma forma mais estética, o que promoveu uma observação mais sistemática dos elementos dispostos na natureza (PASSOS, 2008).

O ensino da paisagem está intimamente relacionado ao cotidiano dos discentes, o que torna o conteúdo importante para a formação de valor, independência e integração sociocultural, mas ensinar a todos igualmente é uma barreira a ser superada, pois, a disciplina de geografia quando aplicada de maneira descontextualizada se torna abstrata e de difícil compreensão para alguns alunos,

principalmente para os que possuem alguma deficiência, o que pode gerar dificuldades no desenvolvimento do processo de aprendizagem (ALMEIDA; ROCHA; PEIXOTO, 2013; CUSTÓDIO; NOGUEIRA, 2014).

O conteúdo deve ser exposto para o aluno de forma clara e objetiva para que o aluno vença as barreiras que existem e aprenda com mais facilidade. A geografia necessita ser aplicada na inclusão de forma na qual possa englobar toda uma equipe, que forneça ações contínuas para o discente. A educação inclusiva demanda e envolve ações direta e indiretas de diferentes pessoas, grupos e esferas sociais que se relacionam ao meio.

Ao pensar no ensino de geografia com foco na educação inclusiva (para todos os educandos), torna-se importante pesquisar a planejar conteúdos capazes de incluir a disciplina dentro do contexto social dos alunos, tornando-a acessível a todos (deficientes, indígenas, negros, homossexuais etc.) (ARRUDA, 2014)

Os conteúdos precisam ser elaborados de modo a trabalhar todos os sentidos dos educandos como a visão, audição, olfato e tato, assim como a vivência cultural e social de cada um, ou seja, para desenvolver uma aula de geografia inclusiva com ênfase na paisagem deve-se compor técnicas e métodos que possam ser adaptados e/ou modificados de acordo com as necessidades da turma e de cada discente (CUSTÓDIO; RÉGIS, 2016).

O ensino inclusivo deve conter metodologias e métodos de ensino diferenciados a fim de fazer com que o discente compreenda o meio ao qual está inserido e a partir dele ampliar seus conhecimentos.

Relacionando o ensino da paisagem no contexto de inclusão escolar, o professor possui como dever encontrar meios de ensino que possam facilitar na aprendizagem dos educandos, meios estes, que tenham como objetivo promover além de um ensino de qualidade, a inclusão sociocultural dos mesmos (FONSECA; TORRES, 2013b).

Desta forma, torna-se necessário que o professor consiga, por meio do ensino, auxiliar o aluno para que desenvolva um modo de pensar geográfico, ou seja, que localize e até mesmo identifique e compreenda o significado de cada lugar, a paisagem, características e experiências sociais, assim como promover ao aluno com deficiência ou não a possibilidade de reconhecer seu valor na sociedade (CAVALCANTI, 2012).

Para que a didática seja apropriada, fez-se necessário a criação de recursos didáticos que possam ser modificados e/ou adaptados de acordo com a turma, como maquetes com relevo, mapas com relevo e indicativos tanto visuais como táteis, gráficos táteis, apostilas em braile, vídeo-aulas com recursos tanto sonoros como visuais, assim como diversos outros recursos que podem auxiliar o processo de ensino e aprendizagem dos educandos (FONSECA; TORRES, 2013b).

Os recursos didáticos utilizados pelos docentes dentro de sala podem ser uma forma de inclusão, se forem adaptando-se da melhor forma dentro da sala de aula, efetuando a inclusão escolar, utilizando os meios para, desta forma, acontecer uma aula didática-pedagógica de fácil compreensão e que seja levado o ensino para todos os educandos.

Neste sentido, o desafio do docente será compreender como criar estes recursos, assim como aplicá-los em sala de aula. Para isso, além de uma formação adequada, precisam ultrapassar as barreiras educacionais, garantindo uma educação que desenvolva as potencialidades e capacidades dos educandos (ALCÂNTARA et al., 2016).

Segundo Ramos e Martins (2017) o meio mais fidedigno para desenvolver os temas de paisagem no ensino de geografia é a realização de uma reflexão sobre o objetivo da criação dos temas, ou seja, os temas devem ser elaborados visando a inclusão dos alunos e o ensino sobre os temas, sendo o professor o organizador desse processo de ensino e aprendizagem, para que os alunos aprendam de forma independente do conteúdo ofertado.

Vale ressaltar que é de suma importância para que o docente seja incluído pensar de forma inclusiva, tornar um discente inclusivo ao meio, não é apenas deixar acontecer, é formar um time em busca de conhecimentos inclusivos, transformar a escola, as práticas educacionais, as pessoas e a família, para desta forma o docente conseguir entregar ao aluno um ensino de qualidade inclusiva, acreditando que todos juntos podem aprender a reconstruir esta modalidade de ensino.

3.3 Modelos de plano de aula para o ensino da paisagem geográfica na perspectiva da educação inclusiva

Foram adaptados alguns planos de aula de ensino voltado a inclusão escolar, os mesmos são voltados para o ambiente escolar e podem ser aplicadas em sala de

aula ou em ambientes voltados para a elaboração de projetos promovendo a inclusão do aluno no contexto do ensino da paisagem, possibilitando o ensino da geografia com elementos voltados para a inclusão.

Segundo Mendes (2014) a paisagem no contexto da geografia pode ser definida como a junção de todos os elementos que compõe determinado espaço ao qual, por meio de nossos sentidos (tato, olfato, visão e audição) podemos perceber e interpretar o meio ambiente no qual estamos inseridos e vivenciando.

Pichitelli (2018) corrobora dizendo que a paisagem é produto resultante da interação dos elementos que compõem um determinado espaço, sendo que essa se modifica de forma dinâmica por intermédio do tempo e do espaço que está inserida.

Rodrigues, Neto e Silva (2019) explicam ainda que o ensino da paisagem geográfica em uma perspectiva inclusiva deve ser composto por métodos que permitam aos alunos perceber e interpretar o conceito científico de paisagem, como se compõe e se modifica, utilizando-se de meios com os quais os alunos com alguma deficiência ou dificuldade possa aprender juntamente com os demais alunos.

Reis, Pereira e Melo (2018) relatam que para os alunos com alguma deficiência aprender sobre geografia se torna algo de difícil assimilação, vale o docente juntamente com sua equipe pedagógica organizar e rever estas aplicações metodológicas.

Desta forma é possível compreender que o ensino da paisagem geográfica, com foco na inclusão, deve ser composto por propostas diversas que possam promover um melhor ensino pautado na inclusão dos alunos com diferentes limitações. Com base no presente contexto, serão apresentadas algumas propostas pedagógicas que poderão auxiliar os demais profissionais, pautadas em estudos já publicados. As propostas poderão ser aplicadas para o ensino fundamental podendo ser adaptadas de acordo com o nível de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

As propostas de planos de aulas inseridos nos quadros 1, 2, 3 e 5 abaixo são de livre utilização e foram produzidas a partir de literaturas analisadas no decorrer deste estudo. As três propostas de aula são: uma relacionada ao sistema solar; uma sobre relevo das regiões brasileiras e outra sobre relevo dos continentes.

Os planos de aulas seguem as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular-BNCC, na qual foram inseridas as aprendizagens essenciais para serem trabalhadas dentro das salas de aulas em todo o país.

Propostas 1: o ensino da paisagem geográfica (sistema solar).

O ensino da paisagem geográfica deve trazer para o ambiente escolar, métodos que estejam dentro do cotidiano do aluno, visando sanar suas dúvidas e expectativas, contribuindo com seu conhecimento e experiência já adquiridos (CALLAI, 2012). Desta forma, como já mencionado, o uso de recursos como mapas, maquetes, livros em alto-relevo, fotografias, gráficos táteis, recursos visuais e sonoros, devem ser usados alinhando-se com o conteúdo e se adequando a necessidade da turma.

Conforme o estudo de Custódio e Régis (2016), o ensino de geografia nas séries iniciais deve satisfazer a necessidade que o aluno possui em compreender como as coisas são originadas, como funcionam e, porque se modificam. Para os alunos dessa etapa de ensino tudo é novo e deve ser compreendido. Nesse contexto o docente tem como papel coordenar e organizar o ensino para que possam compreender e sanar suas dúvidas e esse processo não pode ser descontextualizado com a realidade dos educandos, sendo importante promover métodos de ensino que desperte na criança a vontade de aprender e ser parte do processo.

Assim, com base no estudo de Custódio e Régis (2016), foi elaborado um modelo adaptado (quadro 1) que poderá ser trabalhado em sala de aula, visando o ensino sobre o sistema solar e constituição dos planetas, o trabalho em grupo, inclusão, independência e sociabilização.

Conforme diretrizes da BNCC, os objetivos do conhecimento trabalhado no plano são: Identidade sociocultural a exploração da natureza por diferentes povos em diferentes tempos. O plano a seguir irá descrever uma proposta de ensino relacionada ao sistema solar e as formas de aplicação adentro da sala de aula, que visa incluir e trazer o aluno a par do tema proposta e sua forma de analisar a paisagem por meio do ensino e aprendizagem.

Quadro 1: Plano de aula sobre o sistema solar.

1. Tema: Sistema solar
2. Tempo necessário: 3 aulas (150 minutos)
3. Objetivos da aula: Compreender a importância do sistema solar
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender melhor acerca do processo de formação do sistema solar;

- Observar os planetas que compõe o sistema solar, buscando entender suas características e posições;
- Descrever a importância do sol.
- Reconhecer e classificar as características que compõem os astros do sistema solar.

Habilidade da base comum curricular

EF06GE03: Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos.

EF09CI14: Descrever a composição e a estrutura do Sistema Solar (Sol, planetas rochosos, planetas gigantes gasosos e corpos menores), assim como a localização do Sistema Solar na nossa Galáxia (a Via Láctea) e dela no Universo (apenas uma galáxia dentre bilhões).

Compreender a construção do espaço geográfico, reconhecendo a importância do ambiente natural, nas suas possibilidades e limitações, e as consequências decorrentes das ações antrópicas na apropriação da natureza.

Obs: Trabalhar as habilidades da área da geografia associadas a área de ciências.

4. Área do Conhecimento Ciências Humanas (Geografia).

5. Detalhamento da Aula:

Aula 1:

Momento 1 – O professor deverá elaborar uma exposição sobre o tema proposto (questionando e orientando o ensino a fim de os educandos apropriem-se dos conceitos da formação do sistema solar, os planetas que o compõe, suas características básicas, a posição dos mesmos e como funcionam, descrever a funcionalidade do sol e sua importância para o sistema, etc.). A exposição será feita por meio de slides.

Obs.: Ao final da exposição poderá ser utilizado vídeos e imagens com áudio auto explicativo sobre o sistema solar;

Momento 2 – Após a exposição o docente poderá expor uma maquete do sistema solar, ou livro sobre o sistema solar em alto-relevo para que todos possam ver e sentir como o mesmo é, na prática, a amostra poderá ser feita pelo docente ou comprada, como demonstrado na figura 1.

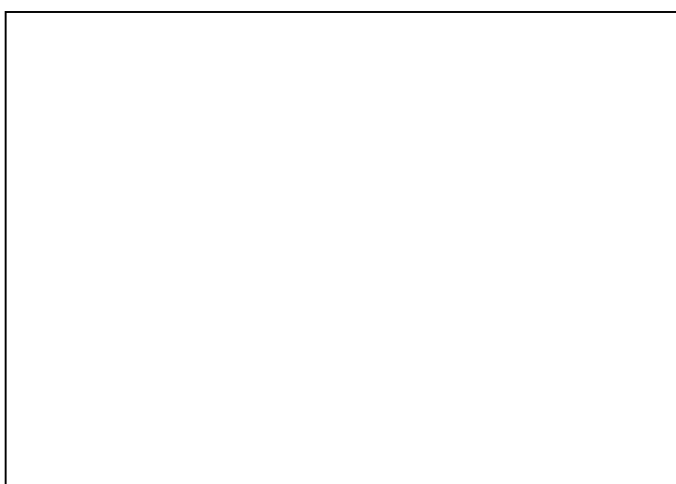


Figura 1: Sistema solar giratório em alto-relevo.

Fonte: consuladodosbrinquedos, 2021.

Momento 4 – Após a apresentação do sistema solar o docente poderá aplicar um questionário diagnóstico com as seguintes questões que poderão ser adaptadas conforma o nível de ensino aprendizagem da turma:

- 1) O que é o sistema solar?
- 2) Qual o nome dos planetas que o formam o sistema solar?
- 3) Quantos planetas formam o sistema solar?
- 4) Em que posição se encontra o planeta terra?
- 5) Como o sistema solar funciona?

Momento 5 – Ao final da aula o docente deverá solicitar os matérias que serão utilizados para a construção dos sistemas solares por parte dos alunos, sendo eles (bolas de isopor: 1 unidade - 250mm (Sol); 1 unidade - 175 mm (Júpiter); 3 unidades - 100mm (Saturno, Urano e Netuno); 1 unidade - 70mm (Terra); 2 unidades - 50mm (Vênus e Marte); 1 unidade - 20mm (Mercúrio)), tinta acrílica (amarelo, vermelho, azul, branco, preto e verde), EVA (cores variadas para fazer o relevo dos planetas), pincéis, 1 placa de isopor de 100cm x 50cm x 5cm, palitos de espeto, cola de isopor. Dependendo do tamanho da turma poderá ser formado de 3 a 4 grupos, para que os alunos já possam ir pesquisando, e verificando a disponibilidade dos materiais para a produção.

Aula 2:

Momento 1 – No primeiro momento os grupos já formados na aula anterior, irão se juntar com os seus materiais e começar a confecção do sistema solar;

Momento 2 – Para melhor compreensão por parte dos alunos, o docente poderá disponibilizar um material para que os alunos possam observar as características do sistema solar e dos planetas;

Momento 3 – Após a construção dos sistemas os mesmos deverão ser guardados em um ambiente apropriado para evitar que estrague o trabalho dos alunos.

Momento 4 – Após finalizar tudo o docente poderá entregar tópicos aos alunos para que os mesmos possam responder durante a apresentação que ocorrerá na terceira aula. Sendo composto por:

- Qual o nome dos planetas e quais suas diferenças.
- Como o sistema solar funciona.
- Qual a ordem dos planetas e quantas luas cada um possui.
- Qual a composição de cada planeta.

Aula 3:

Momento 1 – Apresentação das maquetes pelos grupos;

Momento 2 – Feedback sobre as apresentações;

Momento 3 – Ao final das apresentações as maquetes poderão ficar em exposição para que as outras turmas possam observar.

6. Recursos/materiais

Data show, livros, revistas, maquete do sistema solar, 1 unidade - 250mm (Sol); 1 unidade - 175 mm (Júpiter); 3 unidades - 100mm (Saturno, Urano e Netuno); 1 unidade - 70mm (Terra); 2 unidades - 50mm (Vênus e Marte); 1 unidade - 20mm (Mercúrio), tinta acrílica (amarelo, vermelho, azul, branco, preto e verde), EVA (cores variadas para fazer o relevo dos planetas), pincéis, 1 placa de isopor de 100cm x 50cm x 5cm, palitos de espeto, cola de isopor.

7. Avaliação

Tipo de avaliação: diagnóstica e formativa.

Instrumento de avaliação: Atividade diagnóstica e relatório de observação de participação.

8. Referências

CONSULADO DOS BRINQUEDOS: DIVERSÃO SEM FRONTEIRAS. **Sistema solar giratório em alto relevo**, 2021. Disponível em: <https://www.consuladodosbrinquedos.com.br/produto/kit-planetario-sistema-solar-kidz-labs-4m/12039>. Acesso em: 21 ago. 2021.

CUSTÓDIO, G.A. RÉGIS, T. C. **Recursos Didáticos no processo de Inclusão Educacional nas aulas de Geografia**. Florianópolis: Edições do Bosque, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324091261_RECURSOS_DIDATICOS_NO_PROCESSO_DE_INCLUSAO_EDUCACIONAL_NAS_AULAS_DE_GEOGRAFIA. Acesso em: 21 ago. 2021.

A proposta do plano de aula é voltada a inclusão, uma vez que os momentos da aula são divididos em diversas etapas, no qual se utiliza de várias metodologias aplicadas para o mesmo objeto de conhecimento. Os recursos didáticos, por serem diversificados, proporcionam a inclusão de mais discentes ao processo levando a uma maior aprendizagem relacionado ao tema. Nesta proposta há várias formas de adaptar o recurso dentro da sala de aula, dentre elas, como proposta de sala de aula invertida, no qual neste processo de construção o aluno passa ser o protagonista do processo de construção do conhecimento. A inclusão acontece quando trazemos diversas formas didáticas para ensinar e explorar o conteúdo.

Propostas 2: o ensino da paisagem geográfica (relevo das regiões brasileiras)

Este plano foi baseado em um trabalho desenvolvido por Silva e Becker (2014), o qual objetivou demonstrar a paisagem topográfica do Brasil por meio de maquetes e obteve como resultado um ensino mais contextualizado sobre o relevo do país e como o mesmo afeta o escoamento superficial, o clima, a vegetação, o solo, dentre outros fatores. Diante do estudo de Silva e Becker (2014), foi elaborado um modelo adaptado (quadro 2) que pode ser trabalhado em sala de aula visando a inclusão, trabalho em equipe, independência do aluno, e maior participação dos mesmos.

Quadro 2: Plano de aula sobre o relevo das regiões brasileiras.

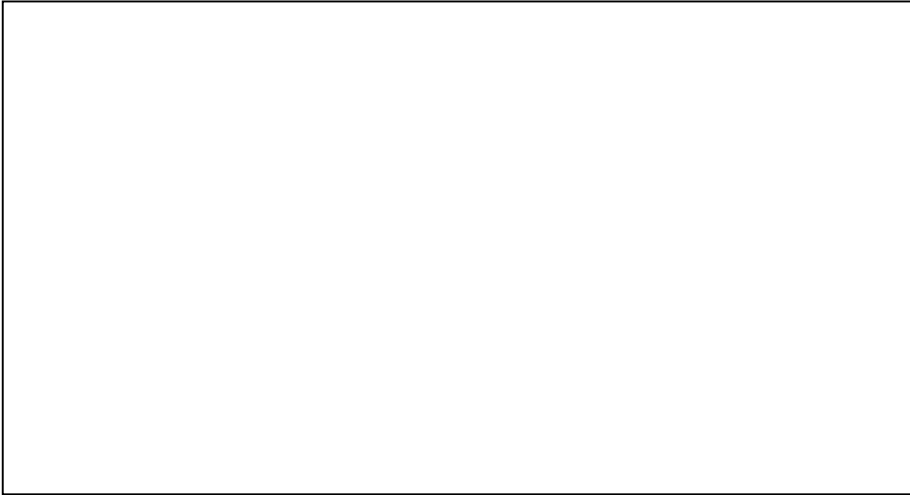
<p>1. Tema: Representação do relevo das regiões brasileiras através de maquetes.</p>
<p>2. Tempo necessário: 3 aulas (150 minutos)</p>
<p>3. Objetivos da aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer acerca da paisagem geográfica; • Analisar os diferentes tipos de paisagens que há no Brasil e identificar suas principais diferenças; • Compreender a paisagem geográfica por meio dos órgãos do sentido. <p>Habilidade da base comum curricular</p> <p>EF06GE05 : Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.</p> <p>EF04GE11 - Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.</p> <p>EF06GE01: Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.</p>
<p>4. Área do Conhecimento Ciências Humanas (Geografia).</p>
<p>5. Detalhamento da Aula:</p> <p>Aula 1:</p> <p>Momento 1 – O professor deverá elaborar uma exposição sobre o tema proposto (conceito de paisagem, os tipos de paisagem que há no Brasil, diferenças de paisagem, como o relevo afeta escoamento dos rios, o clima, a vegetação, o solo, etc.) por meio de <i>slides</i>;</p> <p>Momento 2 – Ao final da exposição o mesmo poderá utilizar vídeos e imagens com áudio auto explicativo sobre os tipos de paisagem, que podem ser observadas ao redor do mundo;</p> <p>Momento 3 – Para deixar a aula mais interessante para os alunos o docente poderá expor alguns mapas em auto relevo, com cores variadas, para os alunos observarem através da visão e tato, os mapas poderão ser comprados ou confeccionados pelo próprio docente com o uso de EVA, isopor e tinta. Como mostrado na figura 2.</p> <div style="text-align: center; margin-top: 20px;">  </div> <p align="center">Figura 2: Mapa do relevo brasileiro (isopor e tinta). Fonte: Silva e Becker, 2014.</p>

Figura 3: Mapa da região Norte para ser construído.

Fonte: IBGE. Atlas geográfico escolar, 2016.

- A partir da análise das figuras os alunos deverão fazer a ampliação do mapa da região para um tamanho maior, exemplo: 40cmx40cm, para a cartolina e/ou papel vegetal, a junção de folhas sulfite também poderá ser utilizada.
- Após essa etapa os mesmos deverão passar o contorno para uma das placas de isopor, o mesmo deverá ser feito com as demais curvas de nível da região para as placas de isopor.
- Após a construção dos níveis, os mesmos deverão ser pintados observando as cores estipuladas e/ou colocado a massa de modelar respeitando o mesmo critério de cores, enquanto as placas secam os alunos poderão fazer pesquisas sobre as paisagens, curiosidades da região e debater entre si sobre elas.
- Após secar a tinta, ou após colocar a massa de modelar, as placas deverão ser coladas umas nas outras com cola para isopor.
- Após finalizar a construção da região a mesma deverá ser colada na placa de isopor mais grossas medindo 45cmx45cm, sendo importante colocar a tabela com os indicativos de nível, o oceano, a escala, a orientação (rosa-dos-ventos), nome da região e os estados que o compõe. Um espaço deverá ficar reservado para guardar as maquetes, ou poderá ser levado pelos alunos para retoques, ou conclusão em casa.

OBS: Ao final da aula primeiramente o docente deverá explicar como deverá ser a apresentação na terceira aula sobre a produção dos alunos. Sendo a ordem: apresentação oral sobre o relevo da região, as principais paisagens observadas na região, curiosidades sobre as características da geografia da região, (caso os alunos quiserem, podem fazer a apresentação por meio de slides com imagens e vídeos), apresentação da maquete para que os demais alunos possam ver e sentir a mesma.

Aula 3:

Momento 1 – Apresentação das maquetes pelos grupos;

Momento 2 – Feedback sobre as apresentações;

Momento 3 – O docente poderá aplicar um questionário para observar o que foi aprendido no decorrer das aulas.

6. Recursos/materiais

Isopor com diferentes espessuras (1 de 5 cm e 4 de 1 ou 2 cm), cola para isopor, caixinha de tinta e/ou massa de modelar nas seis cores primárias, estiletos, cartolina e/ou papel vegetal, caderno, lápis e caneta

7. Avaliação

Tipo de avaliação: formativa e somativa.

Instrumento de avaliação: relatório de observação de participação e de confecção da maquete.

8. Referências

IBGE. **Atlas geográfico escolar**. – 7. ed. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99345.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SILVA, Cláudio Palagi; BECKER, Elsbeth Léia Spode. Relevo do Brasil e sua representação em maquete. **Disciplinarum Scientia| Ciências Humanas**, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1766/1670>. Acesso em: 19 ago. 2021.

O plano de aula, aqui apresentado, tem o intuito de reproduzir um ensino didático mais inclusivo, com uma aula expositiva para desenvolver o aprendizado do tema proposto, o acesso e contato com diferentes materiais visuais e táteis com os quais o aluno pode sentir a realidade mais próxima para um melhor entendimento. Também há o momento de ouvir as experiências, juntamente com o aprendizado ali passado. O trabalho proposto para o discente também visa fazer com que o aluno seja o protagonista desta construção de conhecimento.

A atividade do mapa em alto relevo reproduzido com isopor e tinta, tem o intuito de fazer com que o aluno observe ao longo da produção que está localizada cada paisagem em sua região e o relevo de seu próprio país de forma visual e tátil o que pode proporcionar uma maior percepção do conhecimento por meio dos sentidos.


Propostas 3: o ensino da paisagem geográfica (relevo dos continentes)

O estudo proposto para utilização de meios de metodologias ativas no ensino da paisagem geográfica expondo os relevos dos continentes é de importância para os alunos, o qual proporciona uma maior participação dos discentes, e incluindo a todos de forma gradativa. O diálogo nas aulas expositivas utilizando recursos visuais, como imagens, atinge uma maior porcentagem de alunos o que contribui para a inclusão desses alunos no processo de ensino e aprendizagem (JORDÃO; SENA, 2015).

O estudo que utilizamos como base foi o de Jordão e Sena (2015) que tem por objetivo demonstrar a cartografia tátil do globo terrestre por meio do uso de EVA, o que proporcionou aos alunos uma maior inclusão do aluno com deficiência visual, além da inclusão entre os demais alunos, maior participação em grupo e maior ganho de conhecimento.

Com base no estudo de Jordão e Sena (2015) foi elaborado um modelo adaptado (quadro 3) que pode ser trabalhado em sala de aula visando a inclusão, trabalho em equipe, independência do aluno, e maior participação. O plano traz o passo a passo da aula fazendo com que se possa entender de forma mais detalhada como é construída e desenvolvida a aula.

Quadro 3: Plano de aula sobre o relevo dos continentes.

<p>1. Tema: Representação do relevo dos continentes por meio de mapas de EVA.</p>
<p>2. Tempo necessário: 3 aulas (150 minutos)</p>
<p>3. Objetivos da aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender melhor acerca da paisagem geográfica dos continentes, suas características marcantes e o efeito que a mesma proporciona; • Analisar a paisagem geográfica através dos sentidos; <p>Habilidade da base comum curricular</p> <p>EF06GE05: Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.</p> <p>EF04GE11 - Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.</p> <p>EF06GE01: Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.</p>
<p>4. Área do Conhecimento Ciências Humanas (Geografia).</p>
<p>5. Detalhamento da Aula:</p> <p>Aula 1:</p> <p>Momento 1 – O professor deverá elaborar uma exposição sobre o tema proposto (contendo o conceito de paisagem, os tipos de paisagem que há no mundo, como a paisagem afeta determinado lugar, os níveis de altitude e depressões que há ao redor do mundo etc.) através de slides;</p> <p>Momento 2 – O professor poderá demonstrar durante a exposição, modelos de paisagens de cada continente, algumas características dessas paisagens, sempre alto explicando cada uma de forma detalhada.</p> <p>Obs.: Um bom modelo para demonstrar aos alunos é o uso de um globo em alto-relevo, comprado ou elaborado por ele mesmo, como o exemplo demonstrado na figura 4.</p>

<p>Figura 4: Globo terrestre adaptado em alto-relevo. Fonte: Jordão e Sena, 2015.</p>

Momento 3 – Após a observação dos alunos o docente deverá solicitar os materiais que serão utilizados para a próxima aula (solicitar EVAs (verde, amarelo, amarelo-escuro, laranja, vermelho e marrom), cola para EVA, tesoura, estiletes, cartolina e/ou papel vegetal, caderno, lápis e caneta), que poderá já formar os grupos (6 grupos), fazer o sorteio e oferecer uma explicação breve do que será trabalhado (elaboração de mapas dos seis continentes (América, Europa, Ásia, África, Oceania e Antártida) em alto-relevo feito EVAs, e pesquisa sobre as principais características das paisagens presentes nos continentes para apresentar na terceira aula) para que os alunos já possam ir pesquisando, e se unindo para a compra dos materiais.

Aula 2:

Momento 1 – No primeiro momento os grupos já formados na aula anterior, irão se juntar com os seus materiais.

Momento 2 – Será explicado novamente o que será feito: será elaborado mapas em alto relevo dos seis continentes (América, Europa, Ásia, África, Oceania e Antártida) com o uso de EVAs, tesoura e cola.

Momento 3 – Para a construção primeiramente o professor poderá distribuir uma imagem colorida dos continentes, impressa em folha sulfite, com a especificação dos níveis de altitude, como demonstrado na figura 5.



Figura 5: Relevo dos continentes que comprem o Globo terrestre.

Fonte: Atlas geográfico escolar, 2017.

- A partir da análise das figuras os alunos deverão fazer a ampliação do mapa para um tamanho maior, exemplo: 30cmx30cm, para a cartolina e/ou papel vegetal, a junção de folhas sulfite também poderá ser utilizada.
- Após essa etapa os mesmos deverão passar o contorno para as folhas de EVA, o mesmo deverá ser feito com as demais curvas de nível.

– Após a construção dos níveis, os mesmos deveram ser colados sempre do menor nível para o maior.

– Será construído um mural em cor azul para que os mapas sejam colados seguindo a ordem padrão do mapa mundial, sendo importante colocar a tabela com os indicativos de nível, a escala e nome do continente. O mural poderá ser móvel ou na parede da sala, ou outro ambiente para exposição.

OBS: Ao final da aula primeiramente o docente deverá explicar como deverá ser a apresentação na terceira aula sobre a produção dos alunos. Sendo a ordem: apresentação oral sobre o relevo do continente, as principais paisagens observadas, as diferentes paisagens que há no continente, curiosidades sobre as características da geografia, (os alunos podem fazer a apresentação através de slides com imagens e vídeos), apresentação do mapa para que os demais alunos possam ver e sentir.

Aula 3:

Momento 1 – Apresentação dos mapas pelos alunos;

Momento 2 – Exposição final;

Momento 3 – Ao final da exposição o docente poderá expor vídeos e imagens da construção das atividades por parte dos alunos, e promover uma roda de conversa para sanar dúvidas e curiosidades sobre o tema.

Momento 4 – por fim será entregue um questionário auto avaliativo que deverá ser construído com base nas apresentações dos alunos, para que os mesmos possam responder com base no que foi compreendido.

6. Recursos/materiais

Data Show, livros, revistas, EVAs (verde, amarelo, amarelo-escuro, laranja, vermelho e marrom), cola para EVA, tesoura, estiletes, cartolina e/ou papel vegetal, caderno, lápis e caneta.

7. Avaliação

Tipo de avaliação: formativa e somativa.

Instrumento de avaliação: relatório de observação de participação e de atividade final dos alunos.

8. Referências

Atlas Geográfico Escolar. Editora: BrasiLeitura, 2017.

JORDÃO, Barbara Gomes Flaire; SENA, Carla Cristina Reinaldo Gimenes. Cartografia tátil e o ensino de Geografia: a experiência do globo adaptado. **Acta Geográfica**, v. 9, n. 21, p. 148-160, 2015. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/1946>. Acesso em: 19 ago. 2021.

O plano expõe uma atividade didática que leva ao conhecimento sobre os relevos do planeta. A atividade propõe demonstrar o relevo como uma forma de identificar a modelagem da superfície terrestre, na qual esse apresenta 4 formas de relevo: as montanhas, planaltos, planícies e as depressões. A ideia principal da aula é a informação sobre os tipos de relevos e onde mais se encontram de uma forma que

os alunos possam sentir por meio do tato, visando a participação de todos, como parte do conteúdo exposto.

A ideia dos planos de aulas é uma forma de proporcionar ao aluno uma aula totalmente pensada para inclusão escolar. Ao planejar a aula deve-se pensar em todos os discentes para que as metodologias possam atingir a todos, mesmo que de maneiras diferentes, uma vez que as salas também são diversas e heterogêneas. Também precisamos fazer com que o aluno seja o verdadeiro protagonista desse processo.

Assim, ao planejar uma aula o professor deve compreender a diferença que pode fazer dentro de uma sala de aula, se realizar um plano totalmente trabalhado de forma didaticamente inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise da literatura estudada foi possível compreender que a paisagem geográfica para ser compreendida pelo estudante não deve ser abordada de forma abstrata e técnica, o que pode tornar o ensino descontextualizado e de difícil compreensão para o mesmo, fazendo com que forneça um conteúdo difícil e sem aproveitamento de conhecimentos. Ao contrário, o ensino deve ser pautado na vivência do aluno, com base nos elementos do espaço para que consigam sentir e captar, perceber e interpretar esse espaço e conteúdos expostos.

A aplicação do ensino da paisagem geográfica por meio de recursos materiais pode promover aos alunos uma maior vivência e compreensão. Foi possível analisar também que a aprendizagem, por meio da prática dos alunos, proporciona uma maior inclusão, independência e aprendizagem em equipe, o que pode tornar o ensino de geográfica mais abrangente para os educandos. Evitando, assim, o processo de exclusão de alguns alunos, que em um ensino somente técnico e abstrato não conseguiriam compreender de forma clara os temas abordados na disciplina.

É importante observar que o trabalho do docente, nesse processo de aprendizagem, deve ser pautado na orientação e organização do ensino devendo sempre buscar o aprimoramento dos meios de promover o ensino. Para tanto, não de utilizar somente do livro didático padrão, mas também utilizar recursos didáticos-pedagógicos adaptados por ele e pelos alunos.

Nesse contexto, cabe ressaltar que os recursos didáticos-pedagógicos devem ser utilizados pelos docentes quando necessário, visando a facilitação do aprendizado dos alunos. Esses recursos, não precisam dispor de grandes valores, sendo possível adapta-los conforme o nível de desenvolvimento dos alunos. Todavia, é importante que o governo e a escola auxiliem o docente nesse processo, para que as dificuldades no ensino possam ser superadas.

Como foi apresentado acima, com base nas indicações dos estudos analisados, foram elaboradas três propostas metodológicas com a finalidade de demonstrar possibilidades para o docente para quando for preparar uma aula mais dinâmica e que também visa trazer a compreensão do conteúdo explanado para os alunos.

Com isso foi possível compreender que o ensino da paisagem geográfica na perspectiva da educação inclusiva, é de suma importância para os alunos, não somente para os que possuem alguma deficiência, mais para todos que residem no ambiente escolar, sendo importante a elaboração de propostas que visem um melhor aprendizado seja através de recursos próprios da escola como de recursos adaptados pelos docente e pelos próprios alunos.

Referências

- ALCÂNTARA, J. N. *et al.* Formação continuada na perspectiva inclusiva: A relação entre professores do AEE e da sala comum. **Teoria e Prática da Educação**, v. 19, n. 1, p. 7-24, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/29085/pdf>. Acesso em: 04 mar. 2021.
- ALMEIDA, J.; ROCHA, I.; PEIXOTO, S. Uma reflexão acerca do ensino de geografia e da inclusão de alunos surdos em classes regulares. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 3, n. 5, p. 98-118, 2013. Disponível em: <http://revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/113/93>. Acesso em: 06 mar. 2021.
- ARRUDA, L. M. S. **O ensino de geografia para alunos com deficiência visual: novas metodologias para abordar o conceito de paisagem**. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2014.409>. Acesso em: 06 mar. 2021.
- BARBOSA, Liriane Gonçalves; GONÇALVES, Diogo Laercio. A paisagem em geografia: diferentes escolas e abordagens. **Élisée Revista de Geografia da UEG**, v. 3, n. 2, p. 92-110, 2014. Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3122>. Acesso em: 22 dez. 2021.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bas_es_1ed.pdf. Acesso em: 03 mar. 2021.

BRASIL: Ministério da Educação. **Conheça a história da educação brasileira**, 2021. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 22 dez. 2021.

CALLAI, H. C. **Educação geográfica: ensinar e aprender Geografia**. Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos. São Paulo: Xamã, 2012.

CAMACHO, R. S.; VIEIRA, J. M. Reflexões acerca da educação especial e da educação do campo numa perspectiva inclusiva. **Interfaces da Educação**, v. 9, n. 27, p. 443-464, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3003>. Acesso em: 04 mar. 2021.

CAMARGO, E. P. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. EDITORIAL • **Ciênc. educ.** (Bauru) 23 (1), Jan-Mar 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320170010001>. Acesso em: 22 de jul. de 2021.

CAVALCANTE, C. C.; SUICA, Z. G.; ALMEIDA, J. P. O ensino de Geografia para alunos surdos na escola campo de estágio: realidade revelada. **Anais do I Colóquio Internacional de Educação Geográfica e do IV Seminário Ensinar Geografia na Contemporaneidade**, v. 1, n. 1, p. 71-80, mar. 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/educacaogeografica/article/view/4410>. Acesso em: 03 mar. 2021.

CAVALCANTI, Lana. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CUSTÓDIO, G.; NOGUEIRA, R. Educação geográfica e ambiental numa perspectiva inclusiva: da sala de aula ao trabalho de campo. **PESQUISAR–Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, v. 1, n. 1, p. 211-230, 2014. Disponível em: <http://stat.ijie.incubadora.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/3236/3806>. Acesso em: 03 mar. 2021.

CUSTÓDIO, G.A. RÉGIS, T. C. **Recursos Didáticos no processo de Inclusão Educacional nas aulas de Geografia**. Florianópolis: Edições do Bosque, 2016.

DA SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias; VITTE, Antonio Carlos. Os Quadros Linguísticos da Paisagem em Alexander von Humboldt: Correspondência com o medium-de-reflexão do Romantismo Alemão de Início do Século XIX. **FLOEMA. Caderno de Teoria e História Literária**, n. 6, 2010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1769>. Acesso em: 22 dez. 2021.

FONSECA, R.; TORRES, E. Ensinando Geografia para alunos surdos e ouvintes: algumas adaptações na prática pedagógica. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p. 223-239. 2013a. Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/viewFile/4321/3945>. Acesso em 04 de mar. 2021.

FONSECA, R.; TORRES, E. O processo de inclusão de alunos surdos nas escolas sob o ponto de vista do professor de geografia. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 17, n. 3, p. 46-54, 2013b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/75437>. Acesso em: 05 mar. 2021.

JORDÃO, B. G. F.; SENA, C. C. R. G. Cartografia tátil e o ensino de Geografia: a experiência do globo adaptado. **Acta Geográfica**, v. 9, n. 21, p. 148-160, 2015. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/actageo/article/view/1946>. Acesso em: 19 ago. 2021.

MARTINS, C. *et al.* **Resenha: Ensino de Geografia - práticas e textualizações no cotidiano**. 11. ed. - Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

MENDES, J. C. Geografia e educação inclusiva: (re)pensar o fazer pedagógico na sala de aula. **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, 2014. Disponível em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403391671_ARQUIVO_GEOGRAFIAEEDUCACAOINCLUSIVA-ARTIGOFINALIZADOCBG2014.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

NUNES, M.; MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Da investigação às práticas**, v. 5, n. 2, p. 126-143, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/5211>. Acesso em: 05 mar. 2021.

PASSOS, MM dos. A raia divisória–geossistema, paisagem e eco-história. Maringá: **Eduem**, v. 1, 2006-2008.

RAMOS, A. C.; MARTINS, R. E. M. W. O ensino de geografia na perspectiva da educação inclusiva. **GEOSABERES**, v. 8, n. 15, p. 120-130, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5528/552860957010/552860957010.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2021.

REIS, A. S. S.; PEREIRA, C. A. B.; MELO, L. C. B. Ensino de Geografia: Perspectiva da Educação Inclusiva para Alunos com Deficiência Intelectual e Física da Escola Estadual Professora Antônia Tavares da Silva do Município de Rorainópolis-RR. **Revista Eletrônica Casa de Makunaima**, v. 1, n. 2, p. 56-70, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24979/makunaima.v1i2.447>. Acesso em: 16 ago. 2021.

RODRIGUES, D. R. S. L. N.; NETO, S. L.; SILVA, J. P. S. Ensino de geografia na educação inclusiva nos anos finais da educação básica. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 8, n. 14, p. 31-44, 2019. Disponível em: <https://betas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/view/6630>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ROQUEJANI, T. C. **O ensino de geografia com adequações curriculares em salas inclusivas do ensino fundamental: anos finais**. Dissertação (Docência para a Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153104/roquejani_tc_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 05 mar. 2021.

SALVADOR, D. S. A Geografia e o método dialético. **Sociedade e Território**, p. 97-114, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/3466/2779>. Acesso em: 04 mar. 2021.

SAMPAIO, V. S.; SAMPAIO, A. V.; ALMEIDA, E. S. O Ensino de Geografia na perspectiva da Educação Inclusiva. **Geopauta**, Vitória da Conquista, v. 4, n. 3, pág. 210-226, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/geo/article/view/6997>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SILVA, C. P.; BECKER, E. L. S. Relevo do Brasil e sua representação em maquete. **Disciplinarum Scientia**, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1766/1670>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SOUSA, M.; SANTOS, J.; MAGALHÃES, M. A geografia cultural em uma perspectiva escolar interdisciplinar. **IX Fórum Nacional NEPEG**, 2017. Disponível em: http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/GT2_24_A-Geografia-cultural-em-uma-perspectiva-escolar-interdisciplinar.pdf. Acesso em: 03 mar. 2021.

TURRA NETO, N. T. Geografia cultural, juventudes e ensino de geografia: articulações possíveis. **Formação (Online)**, v. 1, n. 20, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2651>. Acesso em: 03 mar. 2021.

UNICEF. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos** (Aprovada pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990), 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>. Acesso em: 22 dez. 2021.